

RELATÓRIO DA OFICINA
"VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES"

Esta oficina teve como ponto de partida excertos da peça de teatro "Marcas de Sangue" e contou com a presença da Escola de Mulheres, nomeadamente: Isabel Medina, Fernanda Lapa, Albano Jerónimo e Leonor Seixas, que partilharam a sua vivência enquanto agressor/ vítima na peça.

O debate continuou em torno das experiências das mulheres presentes, muitas delas profissionais que lidam com situações de violência no seu quotidiano.

A complexidade da intervenção nesta área foi consensual, explicando-se em parte pela dependência económica e/ou emocional da mulher. Dependência esta que resulta da estratégia do agressor: controlo, isolamento, manipulação psicológica ou chantagem emocional - que se encontravam bem exemplificadas na peça que serviu de base a esta partilha de reflexões. Uma estratégia em forma de teia de aranha, que leva muitas mulheres à loucura e às consultas de psiquiatria.

São muitas as mulheres que não têm alternativas: uma rede de suporte escassa, um emprego precário ou inexistente, uma ou várias crianças a cargo, a ausência de serviços de apoio, principalmente fora das principais zonas urbanas do país. O apoio às mulheres em contexto rural surgiu como grande desafio e uma das prioridades no combate à violência contra as mulheres em Portugal.

Durante o debate surgiu um segundo agressor: o sistema, que culpabiliza as mulheres, tornando-as responsáveis pela violência sobre elas exercida. Encontram-se presas numa armadilha cultural: arquétipos interiorizados desde a infância, através das histórias da Branca de Neve, e outras princesas.

Esta pressão da sociedade para o "amor", asfixiante, espécie de adição que algema a mulher à relação: "tem que estar ali, tornar o pesadelo num final de conto de fadas". A oficina terminou sobre uma nota positiva: a ideia que "agressor" e "vítima" são padrões de comportamento e que é possível quebrá-los. No entanto, é preciso fortalecer as mulheres, informá-las.

Tod@s podemos ajudar, dando visibilidade e credibilidade à violência contra as mulheres. Alguém conclui: "uma sociedade mais igualitária é uma sociedade mais informada".

Relatora: Líliliana Azevedo